

Entrevista

Profa. Dra. Gilka Elvira Ponzi Girardello (por Tatiana Passos Zylberberg)

RESUMO

Entrevista realizada com a Gilka Elvira Ponzi Girardello por Tatiana Passos Zylberberg, para a seção temática “Educação Física brasileira e desafios contemporâneos: responsabilidades, compromissos e diálogos com as mídias, tecnologias e cultura digital”, da Motrivivência (LaboMídia/UFSC), em edição associada ao GTT 2 – Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) – realizada em julho de 2024.

PALAVRAS-CHAVE: Gilka Elvira Ponzi Girardello; Entrevista; Dossiê

Gilka Elvira Ponzi Girardello

Doutorado em Ciências da Comunicação (USP)
Pós-doutorado no Programa de Educação
Urbana da City University of New York
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Programa de Pós-Graduação em Educação
Florianópolis-SC – Brasil
gilka@floripa.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-5316-0038>

Tatiana Passos Zylberberg

Doutora em Educação Física (UNICAMP)
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES)
Fortaleza, CE - Brasil
tatianapassoszylberberg@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0008-3044-2930>

Interview: Gilka Elvira Ponzi Girardello (by Tatiana Passos Zylberberg)

ABSTRACT

Interview with Gilka Elvira Ponzi Girardello by Tatiana Passos Zylberberg, for the thematic section "Brazilian Physical Education and contemporary challenges: responsibilities, commitments and dialogues with the media, technologies and digital culture", from Motrivivência (LaboMídia/UFSC), in an edition associated with GTT 2 - Communication and Media - Brazilian College of Sports Science (CBCE), was held in July 2024.

KEYWORDS: Gilka Elvira Ponzi Girardello; Interview; Dossier

Entrevista: Gilka Elvira Ponzi Girardello (por: Tatiana Passos Zylberberg)

RESUMEN

Entrevista realizada con Gilka Elvira Ponzi Girardello por Tatiana Passos Zylberberg, para la sección temática "Educación física brasileña y desafíos contemporáneos: responsabilidades, compromisos y diálogos con los medios, tecnologías y cultura digital", de Motrivivência (LaboMídia/UFSC), en edición asociada al GTT 2 - Comunicación y Medios del Colegio Brasileño de Ciencias del Deporte (CBCE) - realizada en julio de 2024.

PALABRAS-CLAVE: Gilka Elvira Ponzi Girardello; Entrevista; Dossier

1 Considerações iniciais sobre a entrevista

O Prof. Dr. Giovani de Lorenzi Pires apresentou-me a professora Gilka Girardello num e-mail gentil e afetivo. Começamos o nosso diálogo virtual em junho de 2009 até o abraço presencial no dia 24 de setembro daquele ano na cidade de Salvador. Fomos chamadas para compartilhar uma mesa redonda na programação do GTT2 de Comunicação e Mídia no XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, realizado no Centro de Convenções da Bahia, promovido pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) em setembro de 2009. O tema do congresso era “Formação em Educação Física & Ciências do Esporte: políticas e cotidiano” e o convite que nos chegou permitia escolher um recorte temático. Tive a honra de estar na mesa “*Mídia-Educação e Mediações Culturais: aspectos teórico-metodológicos*” juntamente com a Profa. Gilka Girardello, momento que guardo com muito carinho e saudades.

No resgate das mensagens que nos conectaram, encontrei outra troca de e-mails no ano de 2012, quando o Prof. Giovani Pires outra vez nos reuniu com o convite da escrita compartilhada do prefácio da II Coletânea do LaboMídia/UFSC. Quando finalizamos o prefácio, intitulado “*Insólito jeito de fazer-ciência-junto e contribuições para ver o mar*”, Gilka escreveu-me:

“Coisa boa brincar de roda contigo. Aqui a gente chama essa brincadeira de ‘curropio’, quando duas meninas se dão as mãos e giram o mais rápido possível, dando risada, cabelos voando”.

Portanto, doze anos depois, já em julho de 2024, demos as mãos, voltamos a rir juntas e a fazer voar os cabelos. Deste terceiro ‘curropio’, nasceu a entrevista que ora compartilhamos na Motrivivência. Ofertei a possibilidade de gravar ou escrever. Comunicadora com cuidado preciso nas palavras, Gilka enviou-me a entrevista impecavelmente digitada. Coube-me degustar a leitura e aprender ainda mais sobre mídias, educação e gente.

Gilka é uma professora de sensibilidades e profundezas. Ela te leva a lugares inusitados, faz ver infinitas cores e linhas, provoca novos desenhos inventivos com respeito e respaldo do que é antigo.

Assim que, antes de avançarmos na escuta de Gilka, convido a conhecerem um breve recorte de sua importante e singular trajetória.

Gilka Elvira Ponzi Girardello é professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina, atua no Programa de Pós-Graduação em Educação, dentro da Linha Educação e Comunicação. Possui graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978), mestrado interdisciplinar em Ciências Humanas pela New School for Social Research de Nova York (1990) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1998). Realizou pós-doutorado no Programa de Educação Urbana da City University of New York (Pesquisadora Visitante/Fulbright/CAPES 2010/2) e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (2011/1). Pesquisa principalmente os seguintes temas: comunicação, cultura, infância, imaginação, narrativa e formação de professores. É uma das coordenadoras do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (UFSC/CNPq) e atua regularmente em parcerias e consultorias junto à Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, à Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis e ao SESC-SC, entre outras instituições educativas, culturais e comunitárias.



<http://lattes.cnpq.br/2379707408487136>

2 Entrevista com Gilka Elvira Ponzi Girardello

Tatiana Zylberberg (TZ): Inicialmente, gostaríamos que você traçasse um panorama histórico a partir de sua trajetória no campo que envolve Educação com mídias, tecnologias e cultura digital. E, também, como você observa, atualmente, essas relações com as tecnologias no contexto educativo e formativo.

Gilka Girardello (GG) Comecei a me envolver mais diretamente nesse campo da relação das crianças com as mídias ainda na década de 1970, quando apresentei e ajudei a produzir um programa na TV Educativa de Porto Alegre, chamado "Contando Histórias". A tecnologia era quase pré-histórica, em preto-e-branco, fazíamos todos os sons e efeitos no estúdio de forma bem artesanal, era muito divertido. Hoje, olhando para trás, me dou conta de que ali já estava um impulso que marcou toda a minha trajetória nesse campo: ver a tecnologia sempre ligada à arte, à literatura, às narrativas e à educação das crianças.

Mais tarde, já professora do curso de Jornalismo na UFSC, inventei uma disciplina chamada Produção Cultural para Crianças, que ofereci por muitos semestres, e fui entrando de forma mais

sistemática na pesquisa nesse campo. Fiz um mestrado nos EUA sobre jornalismo e crianças, estudando programas de TV para crianças sobre assuntos da atualidade (1990), e depois um doutorado pesquisando a relação entre televisão e imaginação infantil (1998).

A partir daí, fui acompanhando muitas fases desse campo de pesquisa: começando por uma ênfase inicial nos efeitos diretos da TV sobre as crianças, passando por um foco na recepção — os sentidos que a criança dá à TV e o papel das mediações educativas e culturais — até chegar a uma atenção, bem contemporânea, ao protagonismo das crianças na produção de imagens e textos nas diferentes mídias.

Mas não se trata de substituir um foco pelo outro, como se fossem meros modismos: todas as dimensões do processo da relação das crianças com as mídias e tecnologias são importantes, integradas, fazem parte do contexto cultural e precisam ser olhadas com cuidado. Desde a qualidade do que é oferecido a elas, até as condições técnicas e as referências éticas e estéticas para que elas possam compreender o mundo e a elas mesmas, criando e se comunicando por meio das mídias.

E a educação aí tem um papel-chave, obviamente: o de inspirar o maravilhamento das crianças pelo mundo, a curiosidade e a capacidade crítica delas de fazer perguntas sobre como são as coisas, por que são assim e como poderiam ser diferentes. Para isso, nós educadores precisamos levar em conta o lugar onde as crianças estão e o que elas sabem, entendendo que, na experiência viva delas, a tecnologia e a natureza, o corpo e a mente, as tradições e a cultura digital não se separam, ao contrário: formam juntas a textura do mundo em que as crianças vivem.

Tatiana Zylberberg (TZ): Há uma diversidade e complexidade de nomenclaturas (Mídias, TDIC, Plataformas digitais, Letramento Digital, Alfabetização Midiática e Informacional, Literacias de Mídia e Informação etc.) na pesquisa, ensino e extensão. Qual o referencial teórico-conceitual que você se identifica e qual(quais) terminologia(s) escolhe adotar em suas ações acadêmicas e investigativas?

Gilka Girardello (GG) Todas essas nomenclaturas têm o seu valor e o seu papel, porque cada uma enfatiza um aspecto particular das diversas abordagens ao tema. Penso que são conceitos complementares, necessários para dar conta de estudarmos um universo tão complexo e desafiador como o da educação na cultura contemporânea. Como vim de uma formação no campo da Comunicação, depois me inserindo na Educação, acabo ficando em cima da ponte, ou mantendo "um pé em cada canoa", com interesse e respeito pelos diferentes olhares acadêmicos para essa interface.

Dito isso, o compromisso com a educação e com a formação de educadores me levou a uma identificação maior com os estudos de mídia-educação, inicialmente a partir do trabalho de David Buckingham, que conheci no final dos anos 1980. Essa perspectiva me interessou por aliar referências teóricas sólidas — da sociologia, dos estudos culturais e dos estudos de mídia — a extensas pesquisas empíricas com crianças nas escolas, dando uma atenção que achei encantadora à fala das próprias crianças sobre o cinema e a televisão. Eram estudos pioneiros, que para mim e toda uma geração de pesquisadores foram muito inspiradores. Até hoje me sinto identificada com essa forma ampla de

delimitar um campo de estudos — mídia-educação ou educação midiática. Essas são duas expressões que significam a mesma coisa, ou seja, uma abordagem em que a educação é o núcleo substantivo e a mídia é um qualificativo, para designar a educação que se faz sobre, com e através das mídias.

Tatiana Zylberberg (TZ): Diante das experiências que tivemos em todos os campos da vida em decorrência da pandemia de Covid-19 (entre 2020 e 2023) e do isolamento/distanciamento social obrigatórios, como você analisa a vida em “modo remoto” e outras questões, como “educação à distância”, homeschooling, Inteligência Artificial ou outros aspectos que deseje destacar?

Gilka Girardello (GG) Entre os muitos sonhos — ou talvez ilusões — que alimentamos no período mais duro do isolamento físico na pandemia, estava a ideia de que no retorno estaríamos todos tão cansados das telas, que as deixaríamos de lado por um tempo, correndo para os abraços. A exaustão das *lives* e das aulas remotas é um fato: aprendemos, por exemplo, que a duração dessas atividades via tela precisa ser menor, porque um encontro presencial abre espaços e “respiros” em que a nossa atenção e o nosso olhar podem vagar mais livres, e em que vemos os outros em sua inteireza corporal, que também comunica e significa, sem que sejam reduzidos a mini-rostos em fragmentos mal-iluminados de um mosaico. Mas aprendemos também, por outro lado, novos potenciais nas trocas mediadas pela tecnologia. O que as professoras nas escolas mais dizem é que tiveram que se “reinventar” durante a pandemia, sofrendo para aprender a lidar com as ferramentas, mas no fim ficaram satisfeitas com algumas novas descobertas que conseguiram fazer.

A necessidade de estender o nosso olhar e a nossa voz, por meio das mídias, para alcançar quem estava longe, nunca foi tão vital para tantos ao mesmo tempo como durante os longos meses de isolamento que vivemos durante a pandemia. A nós, professores, coube usar todas as formas possíveis pra conseguir chegar perto das crianças e dos jovens. Nós éramos como náufragos numa ilha deserta, jogando no mar mensagens em garrafas, porque era só o que a gente podia fazer. E os vídeos, as *lives*, os áudios no celular, eram as nossas mensagens de náufragos naquele momento.

Muitas professoras, durante os meses de distanciamento, usaram as mídias para mandar recados e contar histórias para as crianças e suas famílias. Assim como muitas outras tias e avós, também gravei em áudio pequenas histórias para minha neta de 3 anos e as enviava regularmente para ela ouvir no celular dos pais, e isso me ajudou a manter a sanidade mental naquele tempo difícil em que eu não podia encontrá-la. Como diz Paul Zumthor, “toda voz emana de um corpo”, e a palavra falada faz parte de um ciclo que envolve também os corpos de quem fala e de quem ouve. Assim, também uma voz gravada pode ter efeitos físicos sobre quem a ouve: é só a gente lembrar de como a voz de certos cantores, mesmo em meios digitais, pode nos fazer chorar ou sentir arrepios de emoção.

Hoje, passado o tsunami da pandemia, tenho a impressão de que os professores têm incorporado seletivamente os aprendizados daquele período, inventando formas intuitivas de equilibrar e combinar os recursos digitais com as atividades presenciais. Um exemplo é o uso - que hoje é rotineiro — de grupos de *WhatsApp* para complementar as aulas, em trocas pontuais de informação e compartilhamentos ágeis. Essas trocas inclusive liberam o tempo do presencial para o diálogo, a reflexão, a troca de olhares, a escuta dos sussurros e suspiros sem o recurso do “mute” — enfim, para encontros humanos pedagógicos profundos que são insubstituíveis.

Tatiana Zylberberg (TZ): De acordo com sua perspectiva teórica e sua observação da realidade, quais dificuldades aponta quanto às relações educativas envolvendo mídias, tecnologias e cultura digital?

Gilka Girardello (GG) Nem é preciso dizer que a desigualdade no acesso às tecnologias é um dos maiores problemas, tanto o acesso físico quanto o acesso às competências para lidar com elas. Mas, como pesquiso principalmente o cotidiano cultural das crianças, me preocupa especialmente a pobreza ética e estética dos materiais que elas recebem por meio das mídias e que acabam povoando seu imaginário. As boas propostas pedagógicas fazem uma força enorme para inspirar as crianças a criarem textos e imagens pessoais, originais, com autoria, que expressem o mundo delas e o problematizem. Mas como elas vão conseguir fazer isso se são sufocadas todos os dias por uma enxurrada de banalidades? Que repertório de referência elas podem construir, se o que mais recebem são fotos, vídeos e programas cheios de preconceitos, postados por "celebridades" e "influenciadores", a partir de uma visão de sucesso colonizada, que tortura a autoimagem dos jovens, propagandeando padrões estéticos que massacram a beleza da diferença e das singularidades que fazem cada pessoa única?

Por isso, acho muito úteis os chamados "aspectos-chave da mídia-educação", que propõem uma aproximação crítica aos textos midiáticos (incluindo as imagens) a partir de perguntas sobre quem os criou, com que objetivo, que versão do mundo eles apresentam, a quem eles se dirigem. E sem abrir mão da defesa dos direitos de mídia das crianças — à Proteção, à Provisão e à Participação. Garantir esses direitos passa necessariamente pela educação, mas a responsabilidade pelas crianças e jovens é da sociedade como um todo, não só dos professores e das escolas. Por exemplo: hoje um tema crucial que tem tudo a ver com a educação é a responsabilização legal das grandes plataformas digitais e conglomerados de mídia comerciais, pelo assédio simbólico às crianças e aos jovens que eles promovem, favorecem ou permitem.

Outra questão é a do "tempo de tela", que tem tudo a ver com o corpo e o movimento das crianças. A gente poderia ficar o dia todo aqui falando nisso, e existem milhares de pesquisas sobre isso. Em síntese, me parece que se precisaria equilibrar dois enfoques: primeiro, o acúmulo de estudos na área da saúde mostrando que as crianças não podem ficar direto na frente da TV, do computador ou do celular, pra evitar os males do sedentarismo e a dimensão aditiva das telas, que ainda por cima tiram o tempo em que elas poderiam estar correndo e brincando, desenvolvendo todos os seus poderes. E ao mesmo tempo, temos que levar em conta também o que é que está acontecendo na frente das telas, o que é que as crianças estão fazendo ali e como isso está sendo mediado.

Porque não só uma questão de marcar no relógio o tempo de tela, mas de ver também a qualidade desse tempo: as crianças estão passivas ou ativas (desenhando, editando, montando, conversando com amigos, jogando, dançando...)? E pensar no cotidiano da criança de forma ecológica, como um todo, avaliando como é que as mídias se encaixam no dia-a-dia delas. Se elas estão ampliando as possibilidades integrais das crianças — seus movimentos, sua saúde, sua alegria, suas amizades, sua imaginação — ou, ao contrário, se as estão emparedando, cerceando, fechando em bolhas. Enfim, são questões delicadas e trabalhosas, que por isso precisam de muita atenção e

investimentos da sociedade. Mais "fácil" seria simplesmente liberar tudo, ou proibir tudo, mas essas são as piores opções do ponto de vista da educação, da formação cidadã e da felicidade das crianças.

Tatiana Zylberberg (TZ): Ainda de acordo com a sua perspectiva epistemológica e/ou com investigações que já realizou ou vêm realizando, qual(is) desafio(s) contemporâneo(s) identifica como sendo o mais relevante quanto às dinâmicas sociais e culturais envolvendo educação, mídias, tecnologias, cultura digital e também a inteligência artificial?

Gilka Girardello (GG) Acho muito importante revalorizar a dimensão crítica da mídia-educação. Anos atrás, a pesquisa no campo se preocupava em dar mais destaque à produção de mídia por parte das crianças, do que à formação crítica. Isso fazia um certo sentido, porque era um movimento complementar à ênfase anterior na crítica ideológica dos primórdios da interface educação e comunicação, nos anos 1970 e 1980, quando se buscava descobrir quais os interesses que estavam "por trás" das notícias de telejornal e dos anúncios publicitários. O foco na criação de fotos, vídeos e outros produtos midiáticos, que é obviamente muito importante na formação das crianças e dos jovens, também se afina a todo um movimento em favor do protagonismo infantil e dos direitos da criança à participação na cultura e na sociedade.

Mas no atual ambiente cultural, saturado por desinformação programada movida por interesses comerciais, ideológicos e políticos, não se pode abrir mão da formação crítica das crianças e dos jovens, se se quer formar pessoas para a cidadania e não para o consumismo e para as lógicas de rebanho. A questão é como fazer isso de uma forma não doutrinária ou só com blá-blá-blá. Existem muitas boas experiências em mídia-educação nesse sentido, que conseguem unir a produção em contextos formativos (de vídeos, podcasts, jornais, etc.) com reflexão crítica sobre o que se faz, chegando-se a aprendizagens transferíveis para analisar também as mídias e tecnologias à nossa volta. E assim ajudar as crianças e os jovens a terem um olhar mais autônomo e menos fascinado para a indústria cultural e para os discursos dominantes na cultura digital.

Tatiana Zylberberg (TZ): Considerando-se a Educação Física no campo educacional e formativo, quais aproximações, observações e constatações você tem realizado no que concerne à participação de agentes da Educação Física no envolvimento entre Educação/Formação e mídias, tecnologias e cultura digital?

Gilka Girardello (GG) Na minha experiência em escolas, tanto em pesquisas como na formação de professores, o papel dos profissionais de Educação Física sempre se destacou muito, como agentes capazes de "fazer acontecer" nas escolas projetos importantes ligados à arte, à natureza, à brincadeira e à cultura, que são o que pessoalmente mais me interessa na educação. O maior sentido das tecnologias na escola - especialmente na educação infantil e no ensino fundamental, me parece que deva ser o de potencializar essas ações culturais no cotidiano.

Vejo professores de Educação Física muito interessados em usar as imagens digitais de forma lúdica e inspiradora dos movimentos e expressões das crianças; fazendo registros sensíveis das danças, jogos e dramatizações, enriquecendo a memória da comunidade; dinamizando as interações

entre a escola e o mundo maior em torno dela; criando oportunidades de tirar as crianças de dentro das quatro paredes, levando-as a explorar outros lugares, a pisar em territórios em que seus corpos possam se mexer de modos diversos, como a areia, os matinhos, os campos abertos e as ladeiras dos morros. E em todos esses percursos aventureiros, as mídias também podem se encaixar, de forma criativa, em que estejam a serviço dos movimentos físicos e também simbólicos que a criança faz em seu processo de conhecer o mundo. A ideia é que as mídias e tecnologias possam vir junto das andanças e dos gestos das crianças, ajudando-as a se expandir de corpo inteiro, e enriquecendo essa expansão — e não o contrário.

Tatiana Zylberberg (TZ): O que você pensa sobre a expressão “experiências inovadoras”, que se tornou bastante comum no campo educativo e universitário brasileiro? O que você considera como relevante, importante, estimulante e efetivo naquilo que envolve os conteúdos escolares - e no caso específico da EF, poderíamos pensar na cultura corporal de movimento como objeto de ensino - em um trabalho pedagógico que considere também as mídias e tecnologias?

Gilka Girardello (GG) Confesso que desconfio um pouco do discurso da "inovação", que muitas vezes é usado para promover modismos ou "novidades" bem pouco novas. É claro que as novas formas de sociabilidade da cultura digital e as suas tecnologias nos colocam, enquanto educadores, diante de desafios enormes e inéditos. Mas acho que ainda não aprendemos nem esgotamos tudo o que o acúmulo histórico da arte, da ciência e das diferentes culturas nos deixou como herança e inspiração potencial para lidar com esses desafios. Já dizia Walter Benjamin que muitas vezes o mais revolucionário é aquilo que está lá atrás esquecido. E tem uma música do Sidney Miller que diz uma coisa parecida: *"Ouça bem o que eu lhe digo: /vá cantar um samba antigo/ pra aprender o que há de novo..."*

Penso, para citar apenas um exemplo, no trabalho de um educador e artista popular de Florianópolis, que é também professor de Educação Física da rede municipal de ensino da nossa cidade. O nome dele é Nado Gonçalves. Desde criança ele esteve ligado a uma manifestação cultural tradicional na região, o boi-de-mamão, que é ao mesmo tempo teatro, dança, canto e sobretudo brincadeira. Na década de 1980, percebendo que essa brincadeira antiga estava ficando esquecida e quase desaparecendo, ele começou a dar oficinas de boi-de-mamão para os seus colegas professores de educação física da rede. A partir daí, houve um novo impulso criativo, cada escola criou seu próprio grupo de boi-de-mamão, para alegria das crianças e das comunidades, e hoje a coisa se espalhou tanto, que nem dá mais para contar o número de grupos brincantes na cidade.

E o que isso tem a ver com mídias? Acho que tem muito. Uma criação coletiva como essa serve de inspiração para a participação das crianças, junto com os adultos, também nos projetos de mídias na escola. Como é que as crianças aprendem a cantar e a dançar no ritual do boi-de-mamão? A resposta é: vendo, cantando, dançando, brincando nas festas da escola e da comunidade, desde que aprendem a caminhar sozinhas. As crianças mais novas aprendem com as mais velhas, tendo ao lado a referência dos mestres brincantes. Num processo coletivo como esse, as crianças vão se envolvendo aos poucos com as coisas que as atraem mais, desde a dança e o canto até a confecção dos bonecos, passando por todo um currículo de formação. E essa lógica de formação participativa se transfere

também para os projetos de mídia na escola, como programas de rádio, podcasts, vídeos, cineminha, jornais. Que são, todos eles, projetos eminentemente colaborativos.

Enfim, penso que os professores de educação física, por sua atenção especial e qualificada ao movimento, ao corpo das crianças e à dimensão coletiva dos jogos, têm um papel precioso na articulação e na ativação das forças, dos talentos e da memória cultural que estão presentes na escola, mas muitas vezes adormecidos e dispersos. É uma força que é vital para que a relação das crianças com as mídias seja saudável, ética e empoderadora, que não as leve a um confinamento físico e psicológico, e sim a uma liberdade criadora maior.

Tatiana Zylberberg (TZ): Gostaríamos de algumas palavras finais, pensando na temática desta seção temática – “Educação Física brasileira e desafios contemporâneos: responsabilidades, compromissos e diálogos com as mídias, tecnologias e cultura digital”, e também se gostaria de deixar registrado mais alguma coisa que não tenha sido contemplada nas questões anteriores.

Gilka Girardello (GG) Então, como recado final, vou deixar um pequeno texto, de que eu gosto muito, que a pesquisadora do MIT Edith Ackerman colocou na voz de uma criança. Se chama "Manifesto da Criança Digital", e é assim:

Deixem-me explorar e mostrar minhas habilidades criativas localmente, globalmente, em qualquer hora e lugar. Mas por favor, não esqueçam: eu tenho um corpo, e gosto de usá-lo! Sou exuberante, sou física! Então, me deixem liberar minha imaginação (transportem-me, teletransportem-me), mas também me deixem tocar, mover, sentir que tenho um chão debaixo dos pés! (Ackerman, 2013, p.13).

Finalizamos a entrevista com a indicação de algumas publicações importantes para o suporte teórico para aqueles(as) que atuam no contexto pedagógico e sociocultural da Educação Física. A professora Gilka destacou trabalhos que escreveu em coautoria com os colegas Iracema Munarim, Rogério Pereira e Monica Fantin:

GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Mônica; PEREIRA, Rogério Santos: Crianças E Mídias: três polêmicas e desafios contemporâneos. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 41, n. 113, p.33-43, Jan. Abr., 2021. <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/fxqKvCJzXJTNGPqvwrqFQqj/?lang=pt>

FANTIN, Mônica; GIRARDELLO, Gilka. Cenários de pesquisa com e sobre criança, mídia, imagens e corporeidades. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 37, n. 1, p. 100-124, jan.–mar. 2019. << <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2019.e54575> >>

MUNARIM, Iracema; GIRARDELLO, Gilka. Crianças, mídias e cultura de movimento: (des)caminhos para pensar o corpo na infância. In: Miguel G. Arroyo; Maurício R. da Silva. (Org.). **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.

Além destes, a professora indicou outras produções:

GIRARDELLO, Gilka . Imaginação: Arte e Ciência na Infância. **Pro-Posições** (UNICAMP), v. 22, p. 75-92, 2011. <https://www.scielo.br/j/pp/a/NzsgHwpBkM6X9gv7NvDvRWL/abstract/?lang=pt>

GIRARDELLO, Gilka. Por que as crianças precisam brincar (muito)?. **Observatório Social em Revista**, São Paulo, p. 64-65, 2006.
<https://nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/gilka#:~:text=Por%20que%20toda%20criança%20precisa,e%20era%20o%20motorista%20%2D%20brrrrrrum>

Deixamos também links dos coletivos que participa

Núcleo Infância Comunicação Cultura Arte

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4370>

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/2379707408487136>

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS: à entrevistada, Profa. Dra. Gilka Girardello, pela atenção e disponibilidade.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO - não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

A imagem da entrevistada foi cedida pela própria (arquivo pessoal).

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria considera não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR ASSOCIADO DA SEÇÃO TEMÁTICA

Alison Pereira Batista

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 15.08.2024

Aprovado em: 15.08.2024